

OS PALÁCIOS ECLÉTICOS DE LUDWIG II DA BAVIERA

Carlos Alberto Ávila Santos

Professor do Centro de Artes da UFPel

betosant@terra.com.br

RESUMO

De maneira sintética, o artigo disserta sobre a vida e a morte do rei Ludwig II, que ocupou o trono da Baviera entre 1864 e 1886. Enfoca os três palácios ecléticos erguidos pelo soberano durante o seu governo: Neuschwanstein, Linderhof e Herrenchiemsee. Comenta acerca da localização dessas edificações e das máquinas modernas utilizadas nos canteiros de obras. Discorre sobre o paisagismo dos parques que circundam os prédios, e seus elementos decorativos. Destaca os materiais, as técnicas e os motivos ornamentais agregados às três caixas murais, externa e internamente. Conclui ressaltando os procedimentos tecnológicos usados, que remetem ao Século XIX. Mas, paradoxalmente, resultaram em castelos residenciais peculiares às centúrias pretéritas: o gótico e o bizantino; o barroco e o rococó francês.

Palavras-chave: Arquitetura; Ecletismo; Palácios; Baviera.

INTRODUÇÃO

Antes da unificação da Alemanha, a Confederação Germânica era constituída por trinta e nove estados independentes. (Figura 1) Destes, os mais poderosos eram a Prússia e a Áustria. Em 1862, Guilherme I, rei da Prússia, nomeou como seu primeiro ministro Otto von Bismark, com o objetivo de efetuar a unificação dessas diferentes nações.¹ Bismark ampliou o exército e dedicou-se às estratégias diplomáticas e bélicas, fundamentando o discurso ideológico para as negociações e para as campanhas militares que se anunciavam. Em 1866, o ministro prussiano declarou guerra ao império austríaco, pela disputa dos territórios de Schleswig e Holstein, que ambos os países

¹ SILVA, Tiago Ferreira. **Unificação da Alemanha**. Disponível em: www.infoescola.com/historia/unificacao-da-alemanha Acesso em: 09/02/2016

conquistaram da Dinamarca em 1864.² Ao mesmo tempo, expulsar a Áustria da Confederação Germânica era de interesse de Guilherme I, para obter o controle dos demais reinos. No conflito, também denominado como a Guerra das Sete Semanas, aliaram-se aos austríacos a Baviera, Hanover e a Saxônia. Aderiram aos prussianos os exércitos de Bremen, de Hamburgo e de Lübeck, além das tropas somadas com a aliança firmada com províncias do norte da Península Itálica. Com a vitória da Prússia, foi constituída a Confederação Germânica do Norte, que excluiu a Áustria. Os italianos anexaram o ducado de Veneza, dominado pelos austríacos na época.



Figura 1: Na imagem: Mapa da Confederação Germânica, anterior à unificação da Alemanha. **Fonte:** SILVA, Tiago Ferreira. **Unificação da Alemanha.** Disponível em: www.infoescola.com/historia/unificacao-da-alemanha Acesso em: 09/02/2016.

² PINTO, Tales. **Guerra Austro-Prussiana e a Unificação Alemã.** Disponível em: guerras.brasilecola.uol.com.br Acesso em: 09/02/2016.

O desenvolvimento do poder militar prussiano ameaçava a supremacia francesa no continente europeu. Com a indicação do príncipe Leopoldo ao trono da Espanha, que era primo de Guilherme I, e temendo uma aliança prussiano-espanhola, Napoleão III declarou guerra à Prússia em julho de 1870. Bismark teve apoio da Confederação Germânica do Norte. No mês de setembro, a derrota das tropas francesas e a captura de Napoleão III decorreram no Tratado de Versalhes, de 26 de fevereiro de 1871, ratificado pelo Tratado de Frankfurt, assinado em 10 de maio do mesmo ano. A França perdeu parte da Lorena e da Alsácia, foi obrigada a pagar alta soma como indenização de guerra, e aceitar a ocupação alemã até o final do pagamento da dívida. A nova Assembleia Nacional francesa, constituída para negociar a paz, elegeu Adolphe Thiers como primeiro presidente da Terceira República. Guilherme I e Otto von Bismark efetuaram a Unificação da Alemanha, incorporando o reino da Baviera.³ Guilherme I foi coroado kaiser do II Reich Alemão. Foi nesse contexto de disputas por territórios, poder político e econômico, que viveu e reinou Ludwig II da Baviera, foco do presente artigo.

LUDWIG II E SEUS PALÁCIOS ECLÉTICOS

Luís Frederico Guilherme⁴ nasceu no castelo de Nymphenburg, próximo de Munique, capital do reino da Baviera, no dia 25 de agosto de 1845 (SCHMID e KNIRR, 2008). Filho do rei Maximiliano II e de Maria Frederica, princesa da Prússia, teve um irmão chamado Otto, três anos mais moço do que o futuro monarca. Os dois príncipes cresceram no castelo de Hohenschwangau (Figura 2.1), afastado da capital, e tiveram uma educação severa. Com dez anos, Luís cumpria oito horas de estudo por dia. Porém, seus preceptores não lhe deram a educação necessária para exercer seu destinado governo. Nos momentos de folga, em excursões solitárias percorria as florestas e os vales do entorno de Hohenschwangau, costume que cultivou durante toda a sua vida – em passeios a pé ou a cavalo, em carruagens ou em trenós – pelas regiões circunvizinhas aos palácios nos quais habitou. O príncipe, raramente, tinha ao seu lado alguém em quem pudesse confiar e revelar seus pensamentos ou aspirações. Assim,

³ SILVA, Tiago Ferreira. **Unificação da Alemanha**. Disponível em: www.infoescola.com/historia/unificacao-da-alemanha Acesso em: 09/02/2016

⁴ Nesse artigo, traduzimos para o português os nomes dos vultos históricos citados.

ainda adolescente, criou para si um mundo particular e solitário, repleto de meditações sobre a sua própria existência.



Figura 2: Na imagem à esquerda, 1: O castelo de Hohenschwangau. Na imagem à direita, 2: As decorações pictóricas do dormitório do futuro rei, no mesmo edifício. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 12 e 15.

De espírito idealista e romântico, o jovem herdeiro do trono amava as poesias e tragédias de Frederic Schiller. Sob a influência desse autor, renunciava ao mundo real e se refugiava em um universo interior onde tudo era nobre e bom. Era amante da obra de William Shakespeare e, aos dezesseis anos, assistiu à ópera *Lohengrin*, de Richard Wagner, e por ela se apaixonou. A partir daí, adquiriu todas as composições do músico alemão e pesquisou diferentes publicações sobre o maestro. A música de Wagner respondia a todos os seus anseios. As pinturas murais dos ambientes do castelo de Hohenschwangau, que ilustram cenas das lendas germânicas cavaleirescas do medievo (Figura 2.2), contribuíram para o desenvolvimento do espírito sonhador que o rapaz herdou do avô e do pai. Luís Frederico ingressou na Universidade de Munique, destacando-se em história, física, inglês, francês e filosofia. Com a morte de Maximiliano II, foi sagrado rei da Baviera no ano de 1864. Com dezoito anos, o novo soberano não tinha terminado seus estudos e tampouco possuía conhecimento suficiente das questões políticas, diplomáticas ou econômicas do país (DESING, 1976).

Belo, alto⁵ e elegante (Figura 3), o inexperiente rei passou a ser o objeto das atenções femininas da aristocracia bávara, alemã, e de toda a Europa. Após a cerimônia de coroação, nas cortes europeias se especulava quem seria a escolhida como primeira

⁵ Segundo KIENBERGER (1976), o jovem rei media 1,92m de altura.

dama do reino da Baviera. Muitos concordavam que a indicação cairia sobre a filha do Czar da Rússia. Mas, Luís II, acreditando na grandeza e no caráter sagrado de sua missão, se esforçou em realizar o que para ele era essencial a um soberano: em vez do casamento ou de buscar conquistas militares, se propôs educar o povo através da arte e da cultura. Para isso, encarregou seu secretário de encontrar Richard Wagner e convidá-lo para transferir-se à Munique. Wagner aceitou o convite, e daí surgiu uma grande amizade entre o rei e o compositor. Encorajado pelo músico, Luís II decidiu criar um Conservatório na capital da Baviera, e de dotá-la com uma suntuosa Casa de Óperas, que Wagner inauguraria com um espetáculo moderno que exploraria os melhores efeitos cênicos da época. Como Viena, Munique se tornaria um grande centro da música erudita.



Figura 3: Na imagem à esquerda, 3.1: Retrato de Luís II no Museu do palácio de Herrenchiemsee, pintado por Ferdinand Piloty em 1865. Na imagem à direita, 3.2: Fotografia de Luís II, de 1866, no mesmo museu. **Fonte:** Fotos do autor, 2014.

No dia 10 de junho de 1865, no teatro construído para esse fim, deu-se a estreia da ópera *Tristão e Isolda*, composta por Richard Wagner. Porém, os gastos para a construção da casa de espetáculos, para sustentar o maestro, os músicos e os cantores que abrilhantaram o evento foram imensos. Pressionado pelos seus próprios ministros, que viam Wagner como um aproveitador da amizade do rei, e coagido pelos jornais que

circulavam em Munique e pela opinião pública, o soberano escreveu uma carta a Wagner garantindo sua amizade até o final da vida. Mas, determinava que ele abandonasse o reino da Baviera (KIENBERGER, 1976). Em 1866, quando foi declarada a Guerra das Sete Semanas entre a Prússia e a Áustria, Luís II foi contrário à participação bávara no conflito. Porém, seus ministros desconsideraram sua vontade e enviaram tropas que apoiaram os austríacos. O príncipe Otto (Figura 4.1) foi encaminhado ao *front* como comandante de parte do exército, de onde voltou com ferimentos e, sobretudo, com grande depressão que, com o passar do tempo transformou-se em loucura.



Figura 4: Na imagem à esquerda, 4.1: Fotografia do príncipe Otto, de 1866, irmão de Luís II, no museu de Herrenchiemsee. Na imagem à direita, 4.2: Fotografia de Luís II e da princesa Sofia Carlota da Baviera, de 1867, no mesmo museu. Salientamos os bustos dos noivos, no primeiro plano. **Fonte:** Fotos do autor, 2014.

Influenciado pela prima que ele muito estimava – a imperatriz Elisabete da Áustria –, Luís II noivou no dia 22 de janeiro de 1867 com a princesa Sofia Carlota da Baviera, irmã mais jovem da soberana austríaca. (Figura 4.2) O casamento foi marcado para o dia 12 de outubro desse mesmo ano. Em oito de julho, o imperador Francisco

José e a imperatriz Elisabete foram coroados reis da Hungria, assumindo a soberania do Império Austro-Húngaro (RUSSO, 1973).

Enquanto isso, preparativos numerosos foram desenvolvidos para o cerimonial do matrimônio, que incluíram a criação de uma carruagem ornada de ouro, que conduziria os noivos pelas ruas de Munique, e a cunhagem de uma moeda celebrando o acontecimento. No final de julho, com toda a pompa protocolar, Luís II visitou a Exposição Universal de Paris, foi recebido por Napoleão III e sua esposa, a imperatriz Eugênia. O surpreendente foi que, dois dias antes do enlace matrimonial, o rei rompeu com o noivado, e escandalizou a nobreza e os plebeus da Europa. (DESING, 1976) O casamento previsto foi uma tentativa de encobrir sua homossexualidade, mas faltou coragem ao monarca para levar adiante tal empreendimento. Ele permaneceu solteiro até o final de sua vida. Sofia, que anos depois casou com o duque francês Fernando de Orléans-Alençon, morreu carbonizada durante o incêndio de um pavilhão beneficente em Paris, que em quatro de maio de 1897 vitimou mais de cem pessoas (RUSSO, 1973).

Foi durante o período de noivado que o rei da Baviera decidiu construir o palácio de Neuschwanstein. A ideia do soberano era afastar-se de Munique e da vida ritualística da corte. Idolatrava Luis XIV, Luis XV, Luis XVI e Maria Antonieta, e como reinante também sagrado pela Igreja Católica, em seu romantismo acreditava que sua palavra era lei, irrevogável, como para o Rei Sol, na França, o que já não era viável no século XIX, quando os monarcas governavam seguindo os ditames dos Parlamentos e de seus ministros. Este fato o decepcionou e contribuiu para o desejo de abandonar a capital. As obras de Neuschwanstein só foram iniciadas em setembro de 1869. O lugar escolhido foi uma colina próxima de Hohenschwangau, onde Luís II vivera sua infância e juventude. No local existiam as ruínas de um antigo castelo medieval, que foram demolidas. Três diferentes arquitetos trabalharam na construção. O projeto inicial foi de Eduard Riedel, no qual o rei inseriu transformações. Entre 1874 e 1884, os trabalhos foram coordenados por Georg von Dollmann. E, Julius Hoffmann comandou a edificação durante os anos de 1884 a 1886 (LOYER, 1983).

Neuschwanstein



Figura 5: Vista do palácio de Neuschwanstein. Note-se o castelo de Hohenschwangau, mais abaixo e à direita da fotografia. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, p. 23.

Luís II não economizou verbas, materiais construtivos, mão de obra ou maquinários para a edificação do castelo residencial eclético. (Figura 5) Além de pavimentar um caminho sinuoso que leva ao topo da montanha, contemporâneo de seu tempo, utilizou técnicas, materiais e máquinas advindos da produção industrial: guindastes movidos a vapor, estruturas metálicas e o concreto. Para os operários, foi fundada a primeira companhia de seguro social da Baviera. As técnicas construtivas modernas e a concretagem foram dissimuladas por meio dos revestimentos dos muros com materiais nobres: o mármore, o granito, madeiras finas, pinturas murais, mosaicos. A verticalidade do palácio é ampliada por uma série de torreões e contrafortes que equilibram e ornaram as muralhas arrematadas por ameias e vazadas por seteiras. Um pórtico e um pátio dão acesso ao edifício, e duas escadarias suntuosas levam ao interior do prédio. O castelo neogótico se destaca dentre a floresta e amplia a beleza da paisagem do sul da Baviera. Parece dialogar com os picos cobertos de neve das montanhas dos Alpes, e contrastar com a horizontalidade das águas da garganta do rio Pöllat, como uma estampa de um conto de fadas. Já no início da construção, aposentos

para o rei foram adaptados no bloco de entrada que dá acesso ao pátio. O monarca mudou-se então para o local, para dirigir as obras (KIENBERGER, 1976).



Figura 6: Na imagem à esquerda, 6.1: A mesa de *toilette* do quarto real. Na imagem à direita, 6.2: Aspecto do dormitório de Luís II, no palácio de Neuschwanstein. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 22 e 23.

Foram empregados na edificação 465 toneladas de mármore, 1.550 toneladas de areia, 600 toneladas de cimento, 400.000 tijolos e mais de 2.000 metros cúbicos de madeiras nobres utilizadas nos lambris que revestem as paredes das salas internas. No interior, se destaca o quarto real. (Figura 6) Luís II era fascinado por aposentos de dormir suntuosos. No dormitório em estilo neogótico, o teto em caixotões e os lambris de madeira foram cinzelados com guirlandas, cachos de uvas e elementos florais. Pinturas em estêncil⁶ e a mão livre, que exploram cenas de óperas, cobrem as paredes. A longa cama tem a cabeceira enfeitada com uma pintura da Virgem com Jesus no colo.

⁶ Segundo GALLI (2015), a técnica de pintura em estêncil utiliza moldes feitos de metal, madeira ou cartão, nos quais são recortados os motivos da ornamentação desejada. Depois, os moldes são fixados às paredes, sobre os quais são realizadas as demãos de tinta. Os moldes vazados funcionam como uma espécie de carimbo.

Na outra extremidade, um relevo remete à Ressurreição de Cristo. Os arcos ogivais e as decorações assemelham o leito a uma catedral. Na estrutura do baldaquino ricamente esculpido, estão representadas as torres de diversas igrejas bávaras. Castiçais e lustre de prata e ouro estão fixados às paredes ou dispostos sobre o toucador. Na mesa de *toilette* foram talhados cisnes ornamentais de madeira⁷. Sobre o tampo de mármore, é também um cisne fundido em prata que fornece a água corrente. O dossel é vedado por cortinas em brocado azul bordado com fios de ouro e prata, que se repete na colcha da cama.

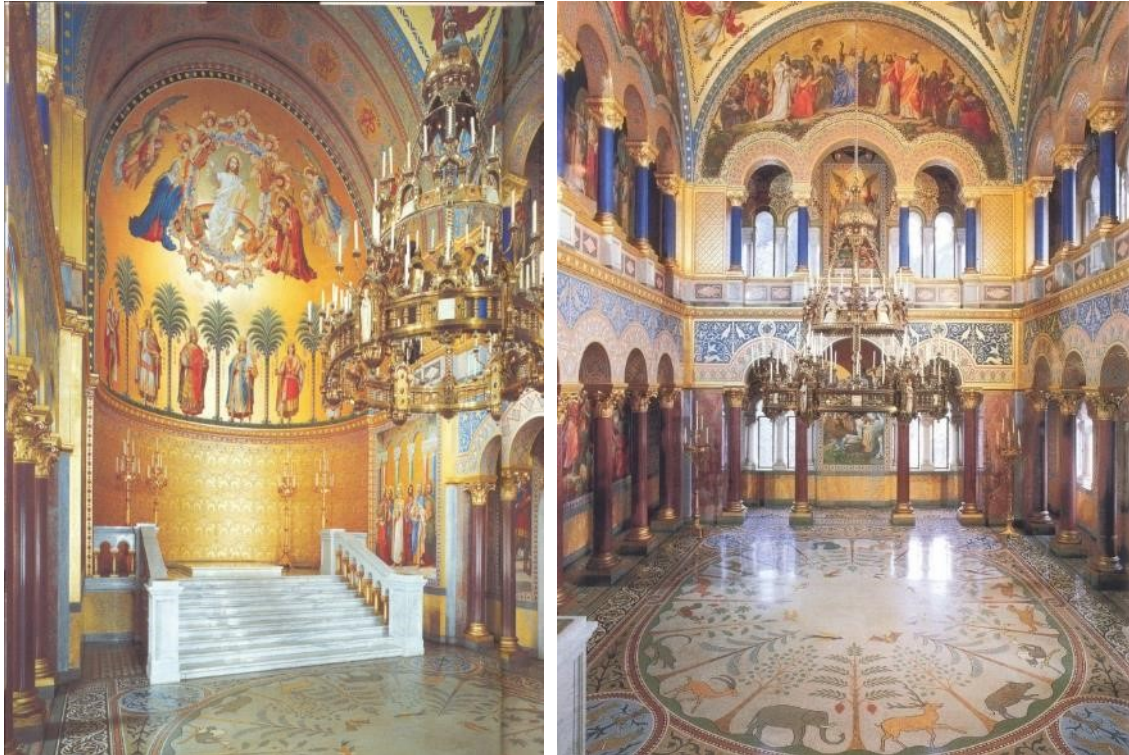


Figura 7: Na imagem à esquerda, 7.1: A abside que abrigaria o trono do rei, jamais realizado. Na imagem à direita, 7.2: Aspecto oposto da sala do trono: **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 50 e 52.

A sala do trono, que ocupa dois pavimentos, é sustentada por uma estrutura de aço não visível. De um lado do ambiente, cuja decoração imaginada por Luís II foi inspirada na arte bizantina, um patamar revestido de mármore branco de Carrara se eleva para abrigar a cátedra real fundida em ouro e incrustada de pedras preciosas, que jamais foi realizada. As paredes côncavas da abside receberam ornamentações em mosaico. (Figura 7.1) Os seis reis representados na técnica decorativa foram canonizados pela Igreja Católica em diferentes momentos da história. Uma das

⁷ O cisne e o pavão eram as aves que o monarca mais admirava.

representações remete a Luís IX da França, santificado pelo Papa Bonifácio VIII no ano de 1297 (GIRAC-MARINIER, 2011). O dia de São Luís é comemorado em 25 de agosto de cada ano, data da morte do soberano francês canonizado e, coincidentemente, de nascimento do potentado da Baviera. As imagens de Cristo, da Virgem e de São João Batista pairam sobre as figuras das seis majestades, circundadas por serafins, anjos e querubins. As paredes laterais estão ornadas pelas figuras dos doze apóstolos. A decoração é simbólica: os ícones intercediam a favor de Luís II e, ao mesmo tempo, eram modelos que ele deveria seguir.

Dois milhões de peças cerâmicas foram utilizadas para revestir o chão com mosaicos que aludem à flora e à fauna. (Figura 7.2) Os fustes das colunas com capitéis coríntios, que sustentam os arcos romanos, no primeiro nível do aposento, receberam pintura num ocre escuro. No nível superior, os corpos das colunas com capitéis jônicos foram pintados de um tom escuro do azul. Mosaicos em diversas cores e motivos ornamentais, placas de mármore multicoloridas e pinturas a mão livre cobrem por inteiro as superfícies murais. Nessa última técnica decorativa parietal, uma cena mostra São Jorge matando o dragão, outra exhibe São Luís – Luís IX da França – dando de comer e beber aos pobres. O azul da cúpula ornada de estrelas representa a abóboda celeste. O imponente lustre copia as coroas dos reis bizantinos, incrustado de pedras semipreciosas e vidros coloridos, onde estão dispostas 96 velas. Ele é simulacro da cabeça coroada pelos bávaros, que intermediava as relações entre o céu e a terra (KIENBERGER, 1976).



Figura 8: Na imagem à esquerda, 8.1: Aspecto da cozinha. Na imagem à direita, 8.2: Uma das torneiras em forma de um cisne. **Fonte:** Fotos do autor, 2013.

Se a aparência de Neuschwanstein remete à Idade Média, refinamentos técnicos gerados pela produção industrial do século XIX foram empregados para dar conforto aos ambientes interiores. No castelo, foi instalado um dos primeiros telefones da Baviera. Na sala de jantar, uma mesa/elevador desce três andares e se liga à cozinha, situada no pavimento térreo, sistema que possibilitava a troca dos diferentes pratos criados pelos seis cozinheiros e pelo *chef*. Normalmente, oito iguarias eram preparadas para as refeições do rei, que geralmente comia só. Um grande fogão a lenha ocupa a área central. (Figura 8.1) Nos fornos embutidos nas paredes, os espetos para grelhar as carnes eram acionados pelo fogo e rotavam dentro de uma velocidade condicionada pelo calor. As canalizações de água quente eram uma novidade na época, e abasteciam não só as torneiras em forma de cisnes da copa/cozinha (Figura 8.2), mas também os banheiros distribuídos nos diferentes andares da construção. Um conjunto de sinetas funcionava à bateria, no qual uma sinalização óptica permitia aos empregados reconhecer a sala da qual provinha o chamado. Ainda no térreo, cinco grandes fornos alimentavam a calefação de todas as salas da edificação. Esse pavimento também abrigava os quartos de dormir dos trinta domésticos que serviam ao rei.

Linderhof

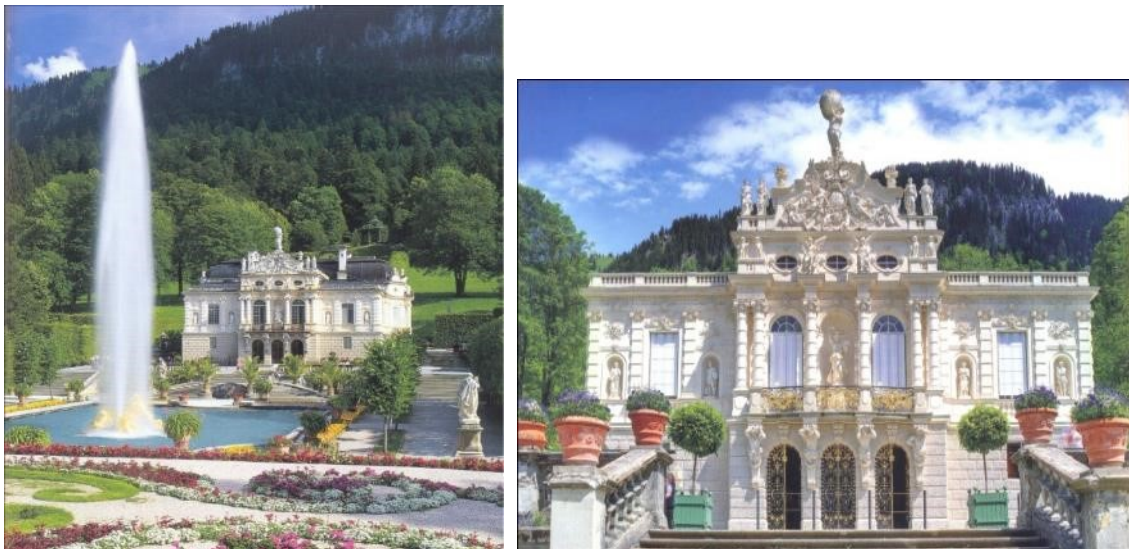


Figura 9: Dois aspectos do palácio de Linderhof. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. *Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière*. Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 62 e 66.

No mês de julho de 1870, rebentou a guerra entre a França e a Confederação Germânica do Norte. O rei, que admirava os soberanos franceses da linhagem dos Bourbons – Luís XIV, Luís XV e Luís XVI – e cultivava a amizade com Napoleão III, se mostrou contrário à participação da Baviera no conflito. Porém, pressionado por Otto von Bismark, o Parlamento bávaro enviou tropas que lutaram a favor dos germânicos. Nesse mesmo mês de julho de 1870, Luís II deu início aos projetos para a edificação de um segundo palácio. Linderhof foi erguido entre os anos de 1874 e 1878. Mais do que um castelo, se assemelha a uma Villa italiana da renascença, mesclada ao barroco, e lembra uma *Maison de plaisance* do período rococó francês. (Figura 9) O local escolhido foi o vale de Graswang – próximo da fronteira com a Áustria e não muito distante de Neuschwanstein – onde seu pai havia construído um pavilhão de caça. Foi o único palácio finalizado durante o período de governo do monarca. É a menor de todas as construções projetadas e dirigidas pelo rei, mas tão imponente como as outras. Luís II amava o palacete eclético, onde passou a maior parte dos anos finais de sua existência.



Figura 10: Na imagem à esquerda, 10.1: Aspecto do espelho d'água e da escadaria que leva ao Templo de Venus. Na imagem à direita, 10.2: O grupo escultórico de Venus e putti, no chafariz do espelho d'água. **Fonte:** Fotos do autor, 2013.

O parque que circunda a construção ocupa 50 hectares. Inicia com uma disposição rigorosa, segundo os jardins franceses: na simetria das alamedas e da organização dos canteiros com formas geométricas; na poda geometrizada dos arbustos; nos pergolados de madeira que sustentam trepadeiras; nos espelhos d'água; nas esculturas clássicas que representam divindades da mitologia ou alegorias das estações do ano. Em frente à fachada principal, aproveitando o aclive do terreno, se impõe a estética dos ajardinamentos italianos, nos diversos patamares ligados por escadarias que levam ao pequeno templo circular dedicado a Venus (Figura 10.1), onde se destacam: o

espelho d'água, o chafariz e a escultura dourada de Afrodite (Figura 10.2), cercada por um grupo de *putti*; um busto da rainha Maria Antonieta da França, sob o arco central do segundo patamar da escada; e diferentes estátuas moldadas em ferro fundido. No restante do parque, foi adotado o gosto paisagístico inglês, com vastos gramados, árvores nativas e pequenos córregos. O paisagismo foi criado pelo diretor dos jardins reais da Baviera, Karl von Effner.



Figura 11: Na imagem à esquerda, 11.1: A fonte em cascatas descendentes. Na imagem à direita, 11.2: Detalhe da bacia com o grupo escultórico de Netuno. **Fonte:** Fotos do autor, 2013.

No lado oposto ao templo de Venus, no alto de outra elevação – para onde estão voltadas as janelas do dormitório real – foi construído outro pergolado, de onde se origina uma fonte organizada em patamares. As águas jorram em diversas cascatas descendentes (Figura 11.1), e deságuam numa bacia ocupada pelo conjunto escultórico do deus Netuno conduzindo um carro com três cavalos em movimentação teatral e barroca, auxiliado por dois tritões, que se contorcem em posturas sinuosas. (Figura 11.2) Da boca dos cavalos e das cornucópias dos tritões brotam esguichos d'água. Dois pares de *putti* complementam a composição. Na fachada tripartida e principal do palacete – ornada com rusticações, colunas com capitéis coríntios, nichos onde estão inseridas esculturas de gosto clássico – quatro atlantes estão fixados entre as três portas de acesso ao interior, vedadas por gradis de ferro dourados. (Figura 9) Eles suportam o balcão do pórtico de entrada, com duas portas-sacada e parapeito em ferro fundido, que recebeu douramentos. O frontão em curvas e contracurvas é decorado com óculos e com os relevos de duas Vitórias, ladeado pelas estátuas alegóricas das artes liberais, e encimado pela figura de um Atlas, que sustenta o globo terrestre.



Figura 12: Na imagem à esquerda 12.1: O hall de entrada do palácio de Linderhof. Na imagem à direita, 12.2: Aspecto de uma das antecâmaras que antecede o quarto do rei.
Fonte: KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee:** les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière. Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 67 e 68.

O teto do hall de entrada é decorado com estuques em relevo que conformam uma cabeça de Luís XIV, da qual divergem uma série de raios dourados, e dois *putti* que sustêm uma cartela, onde estão inscritas as palavras em letras douradas: *Nec Pluribus Impar*. (Figura 12.1) Empregado pelo Rei Sol, o ditado é traduzido do latim como: Superior a todos, provérbio com o qual Luís II romanticamente se identificava. No centro do aposento, se encontra uma cópia de uma estátua equestre do rei francês, exposta em Paris no ano de 1699. A escultura original foi destruída. No vestíbulo da escada, que leva ao salão de visitas, um jarro em porcelana de Sèvres ilustra a narrativa bíblica de Esther, presente enviado ao monarca bávaro pelo imperador Napoleão III. Seguindo a tradição barroca, duas antecâmaras antecedem o dormitório real, cujos painéis pintados a mão livre imitam os tapetes Gobelins⁸, e ilustram cenas campestres e lendas mitológicas, emolduradas por guirlandas florais, medalhões, conchas e *putti* entalhados em madeira e dourados. Um piano profusamente esculpido, pavões de porcelana, lareiras de mármore, poltronas, sofás e banquetas bordadas no mesmo padrão das pinturas murais, complementam a decoração das duas salas. (Figura 12.2)

⁸ Segundo Galli (2015), essa técnica é chamada de *Marouflage*, cujas pinturas são realizadas em painéis, telas e tecidos, que depois são colados às superfícies murais. Não existe termo na língua portuguesa que traduza esse tipo de procedimento.



Figura 13: Na imagem à esquerda, 13.1: Aspecto da outra antecâmara que antecede o dormitório do rei. Na imagem à direita, 13.2: O quarto real. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 67 e 68.

O espaçoso dormitório real segue o modelo dos existentes em Versalhes, que Luís II conhecia por meio de livros (Figura 13.2), com a característica mureta destinada às cerimônias do *se lever et se coucher* do rei⁹. As paredes são cobertas por tecido azul, sobreposto por entalhes de madeira, que receberam douramentos. O suporte do dossel e a estrutura da cama repetem essas requintadas ornamentações. A cor azul era a preferida do monarca bávaro. O teto pintado na técnica do afresco mostra um céu quase infinito onde, sobre nuvens, se movimenta a biga de Apolo entre alegorias da Vitória. O deus grego foi representado com as feições de Luís XIV ainda jovem.



Figura 14: Na imagem à esquerda, 14.1: A sala de Jantar. Na imagem à direita, 14.2: Gravura de Luís II junto ao sistema *tischlein-deck-dich*. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 74 e 75.

⁹ Traduzido literalmente do francês como: levantar-se e deitar-se.

A sala de jantar tem forma oval¹⁰, cujo forro é decorado com estuques em relevo e as superfícies murais revestidas por painéis de madeira e espelhos, emoldurados por elementos ornamentais esculpidos e dourados. (Figura 14.1) Sob a mesa de refeições, pode ser visto o tapete recortado para o funcionamento da mesa/elevador que descia ao pavimento térreo no qual se encontrava a cozinha. Uma gravura da época mostra Luís II ao lado do sistema mecânico denominado em alemão como: *tischlein-deck-dich*. (Figura 14.2)



Figura 15: Na imagem à esquerda, 15.1: A entrada da gruta artificial de Linderhof. Na imagem à direita, 15.2: Aspecto do interior da gruta, do lago artificial e do barco dourado em forma de concha. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 87 e 88.

No parque de Linderhof se distribuem outras construções ecléticas. O Pavilhão Mourisco exibido na Exposição Universal de Paris de 1867, comprado por Luís II quando de sua visita ao evento. A Casa Marroquina, também adquirida pelo monarca na Exposição Universal de Paris de 1878, erguida no local no ano de 1998.¹¹ A cabana de Hunding, um casebre representado nos cenários da ópera *Valkyrie*, de Richard Wagner (KINBERGER, 1976). E a Gruta de Venus, (Figura 15) uma caverna artificial construída de aço, concreto e gesso, inspirada na ópera *Tannhäuser* de Wagner, que abriga uma cascata, um lago, um mecanismo que produz ondas na superfície da água, um sistema de calefação e outro de energia elétrica, que causa efeitos luminosos.

¹⁰ Essa sala foi inspirada no salão oval do Hôtel de Soubise, erguido em Paris durante o período rococó.

¹¹ Disponível em: terradacerveja.com Acesso em: 10/02/2016

Acompanhado de cisnes verdadeiros, o soberano passeava pelo lago artificial num barco dourado em forma de concha e ornado por um cupido. O colorido da iluminação elétrica – a primeira instalada no país – se modifica a cada dez minutos, fazendo cintilar as ondas produzidas mecanicamente.

Herrenchiemsee



Figura 16: Aspecto da fachada do palácio de Herrenchiemsee, voltada para o jardim.
Fonte: Foto do autor, 2014.

Em setembro de 1873, Luís II comprou a ilha de Hommes, no lago de Chiemsee, situado ao sul de Munique, bem próximo da fronteira com a Áustria. No ano seguinte de 1874, viajou à Paris e visitou o palácio de Versalhes. Em homenagem ao aniversário do visitante, foi executado o espetáculo dos chafarizes, durante o qual os esguichos se elevam ao alto, em diferentes jogos de águas dançantes. De volta à Baviera, o rei encomendou ao arquiteto Georg Dollman um terceiro castelo, cujas obras foram iniciadas em maio de 1878, ano em que foi finalizada a construção de Linderhof.



Figura 17: Na imagem à esquerda, 17.1: A fonte de Latona, e ao fundo a esplanada que leva à beira do lago Chiemsee. Na imagem à direita, 17.2: Detalhe da transformação dos camponeses em rãs e sapos. **Fonte:** Fotos do autor, 2014.

Erguido na ilha adquirida pelo soberano, Herrenchiemsee é uma cópia de Versalhes, em tamanho menor do que o palácio francês, mas tão imponente quanto à edificação barroca erguida por Luís XIV. Karl von Effner, o mesmo paisagista que criou os jardins de Linderhof, foi encarregado do ajardinamento do parque que circunda o edifício. Exatamente como em Versalhes, dois espelhos d'água retangulares – cujos chafarizes são alegorias da Fama e da Fortuna – antecedem a fonte da deusa mitológica Latona¹², ela enfeitada a esplanada central que conduz à beira do lago. Insultada pelos camponeses da Lícia, Latona foi vingada por Zeus, que transformou os campônios em rãs e sapos, metamorfose salientada nas esculturas do monumento. (Figura 17)

A planta do prédio tem a forma de um “U”. Nas duas extremidades se encontram os suntuosos salões de entrada com suas escadarias majestosas: um do lado meridional, o outro setentrional, que restou inacabado. Os tetos dessas duas salas têm estruturas metálicas cobertas com lâminas de vidro (Figura 18), peculiares às novas tecnologias desenvolvidas no século XIX.

¹² Segundo a mitologia, Latona era amante de Zeus e gerou Febo ou Apolo e Artemísia ou Diana.



Figura 18: A caixa mural de Herrenchiemsee. Notem-se as estruturas das coberturas zenitais, no telhado **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, p. 96.

No grande hall finalizado, o piso, os degraus da escadaria e as seções inferiores dos muros são forrados com lâminas de mármore, em painéis geometrizados e multicoloridos. (Figura 19.1) No segundo pavimento, as superfícies murais foram pintadas a mão livre e exploram diferentes cenas mitológicas, ladeadas e ritmadas por pilastras de mármore laranja, com capitéis jônicos. Elas são intercaladas pelas portas esculpidas em madeira pintada de branco – cujos relevos receberam douramentos –, que levam aos diferentes aposentos interiores. Quatro nichos se inserem nessas paredes e abrigam as estátuas de Febo, de Afrodite, de Atena e de Zeus. As cimalthas são decoradas com elementos estucados e novas pinturas parietais repetem narrativas da mitologia. Os estuques representam atlantes e cariátides, vitórias e *putti*, guirlandas florais, camafeus e brasões. No primeiro patamar da escada em forma de um “Y”, uma fonte é ornada por um conjunto escultórico de Artemísia e duas ninfas.



Figura 19: Na imagem à esquerda, 19.1: O salão de entrada do lado meridional. Na imagem à direita, 19.2: O salão inacabado do lado setentrional. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, p. 96.



Figura 20: Nas duas imagens: Aspectos do quarto real. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 108 e 109.

No vestíbulo inacabado, pode ser vista a organização dos tijolos, em saliências e reentrâncias, que estruturariam as ornamentações diversas. (Figura 19.2) A primeira peça totalmente finalizada foi o dormitório imperial, disponibilizado ao rei em setembro de 1881. (Figura 20) As paredes são revestidas com veludo azul escuro, bordado com fios de ouro. Como em Linderhof, estuques dourados emolduram o espelho sobre a lareira de mármore, e se repetem nas cimalthas, intercalados por pinturas murais que exploram as figuras de diferentes *putti* entre nuvens e elementos florais. Afrescos decoram o teto com cenas mitológicas. A mureta entalhada em madeira e dourada, destinada ao espetáculo de levantar ou de deitar do rei, encerra a cama com dossel e

dois candelabros com múltiplas velas. As portas dão acesso ao quarto de vestir e à sala de banho de forma oval. Nesse último aposento, uma verdadeira piscina – cuja carcaça moldada em aço foi recoberta com mármore de Carrara – é encimada por uma pintura que mostra o nascimento de Venus. (Figura 21) Eram necessárias oito horas para encher com água quente a enorme banheira (KIENBERGER, 1976).



Figura 21: Detalhe da banheira/piscina da sala de banho. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 108 e 109.

Dentre os vários gabinetes e galerias de circulação distribuídos no interior do castelo – profusamente decorados –, destaca-se a galeria dos espelhos, que copia aquela existente em Versalhes. Mas, se no edifício francês esse espaço era utilizado para as festas da corte, o rei solitário da Baviera não organizou nenhuma recepção nesta sala. À noite, os candelabros de madeira dourada e os lustres de cristal que iluminam o ambiente por meio de 2188 velas, transformam o suntuoso salão em um universo onírico. (Figura 22.1) Na cozinha – situada no pavimento térreo, abaixo da sala de jantar –, despojada dos móveis e acessórios, é mantida a estrutura de ferro ou elevador da mesa de refeições. (Figura 22.2) O palácio de Herrenchiemsee foi a mais cara

construção erguida pelo soberano, que só habitou o prédio por nove dias¹³. O prédio materializa a admiração de Luís II pelos monarcas franceses.

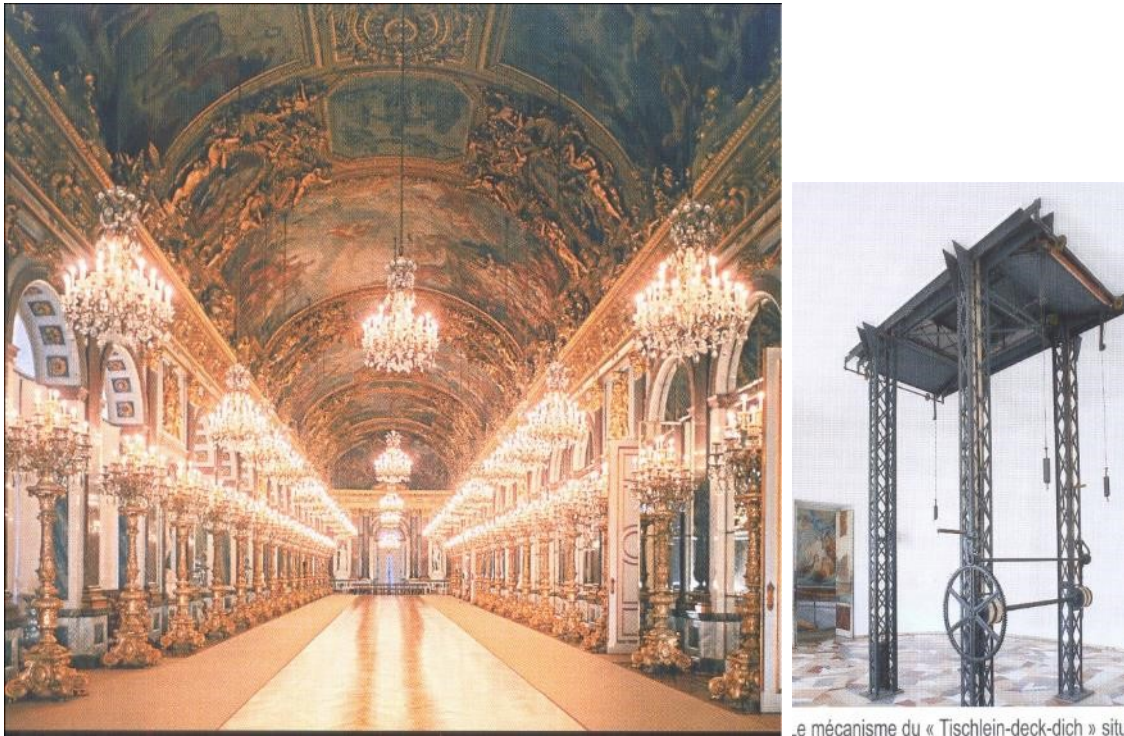


Figura 22: Na imagem à esquerda, 22.1: A galeria dos espelhos. Na imagem à direita, 22.2: A estrutura de ferro do sistema *tischlein-deck-dich*. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, pp. 112 e 122.

Nas salas, gabinetes e galerias das três residências reais, estão distribuídas diferentes pinturas que retratam Luís XIV, Luís XV, Luís XVI, a rainha Maria Antonieta, a marquesa de Pompadour, a condessa Dubarry, o duque de Choiseul, entre outros nobres da França. Após a morte do rei, seus criados revelaram que, durante as refeições, ele fingia receber os vultos da nobreza francesa, com os quais conversava animadamente. Tornou-se glutão, adorava champagne, doces e chocolates. Isso fez com que o jovem que seduziu o povo por sua beleza quando subiu ao trono, alcançasse 130 kg na maturidade, e tivesse no fim de sua vida os dentes totalmente arruinados, pois detestava e temia os consultórios dentários. Passava as noites em claro e dormia durante os dias. Suas refeições eram então servidas em horários inusitados: o café da manhã acontecia entre as 16 e 17 horas, o almoço por volta da meia noite, e o jantar pouco antes do amanhecer.

¹³ Entre os dias 7 e 16 de setembro de 1885, o rei habitou pela primeira e última vez o palácio.

Desiludido com seu próprio governo e, sobretudo, com as manipulações dos seus ministros, Luís II afastou-se de Munique, evitou os parlamentares e a aristocracia bávara, como também os eventos onde apareceria em público. Mesmo assim, era amado pelo povo. Aproveitando desse isolamento, seu ministério governou sob sua régia, mas sem a sua interferência. Era visto como um enigma pelos súditos. Foi chamado de romântico por alguns, de excêntrico por outros, de misantropo por muitos. Historiadores o apelidaram de rei-fantoches, ou ainda, de rei-louco.

No primeiro dia de junho de 1886, Luís II se instalou na residência real de Neuschwanstein, onde pretendia passar os dias chuvosos e frios que antecedem a festa de pentecostes¹⁴. Às quatro horas do amanhecer do dez de junho, algumas carruagens atravessaram o pórtico de entrada do castelo neogótico. Elas traziam um grupo de ministros, alguns nobres bávaros, médicos e enfermeiros de um asilo de alienados, com o objetivo de destronar o rei e levá-lo para ser tratado contra a sua demência (DESING, 1976). A ausência do monarca com relação ao seu próprio governo, sua reclusão e o verdadeiro pavor de se apresentar em público e, sobretudo, os gastos com a construção e decoração dos palácios pouco habitados, levaram o Parlamento a considerá-lo como um doente mental, incapaz de continuar no trono. A postura cotidiana de sonho e fantasia do monarca – seu envolvimento “doentio” ao projetar, erguer e fiscalizar as suntuosas edificações – embasou os pareceres de quatro psiquiatras, que o consideraram insano. Antecedentes familiares – como a loucura do irmão Otto – contribuíram para o diagnóstico. Seu tio, o príncipe Leopoldo da Baviera, foi indicado pelos parlamentares como Regente, e aceitou o título. O rei perdeu sua coroa!

Um impasse se formou então na entrada do edifício. De um lado, a comitiva dava ordens para a abertura das portas. De outro, a guarda real negava-se a atender a solicitação daqueles que o monarca definia como traidores. Finalmente, Luís II ordenou que o acesso da comissão fosse liberado. Mas, ao entrar no prédio, o grupo desleal foi aprisionado em uma das salas internas. Com a chegada de seu ajudante de campo, o conde Dürckheim – em quem o soberano confiava e que o serviu lealmente desde a coroação – o rei cedeu aos conselhos do amigo e libertou os aprisionados. Na tentativa de safar-se do golpe, Luís II buscou refúgio em uma das torres do castelo, de onde pensava se jogar, caso necessário. Essa atitude drástica levou Dürckheim a colaborar

¹⁴ Festa da Igreja Católica que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, que ocorre no quinquagésimo dia depois da Páscoa.

com o séquito intruso. O monarca foi surpreendido em uma das galerias que levam à torre, e foi levado de Neuschwanstein para o castelo de Berg, preparado para acomodar o enfermo. As janelas dos aposentos do rei deposto receberam grades de ferro. A porta de entrada só era aberta pelo exterior, na qual foi inserido um minúsculo óculo para a vigilância dos guardas e enfermeiros.

A docilidade e a boa conduta do prisioneiro destronado, e as solicitações que o mesmo fez para realizar seus passeios corriqueiros, levaram o Dr. Von Gudden – chefe dos médicos e técnicos em enfermagem que tratavam do doente – a autorizar as caminhadas nos campos do entorno do palácio/hospital/prisão. Mas, o rei deveria estar acompanhado do médico e de um grupo de soldados, que supervisionavam as excursões. No entardecer do dia 13 de junho de 1886, Luís II e o Dr. Gudden saíram para efetuar uma dessas jornadas de exercício e prazer. Por razão desconhecida, o doutor dispensou a presença dos vigias que deveriam acompanhá-los. Passadas duas horas sem o retorno do psiquiatra e de seu paciente, um alerta foi dado no castelo de Berg. Serviçais e guardas percorreram a região na busca dos dois desaparecidos, com tochas e lampiões que iluminavam a noite. Pouco depois das 23h, os corpos de Luís II e do Dr. Von Gudden foram encontrados boiando nas águas do lago Starnberg. Mortos por afogamento?



Figura 10: Pintura de J. Koppay, que representa os restos mortais do rei expostos à visita pública, na Capela Real de Munique. **Fonte:** KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière.** Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976, p. 129.

O que realmente aconteceu jamais foi esclarecido. Os documentos oficiais sobre o trágico acontecimento são discordantes. Provavelmente, os dois foram assassinados. Com a morte do soberano, seus adversários redobram os esforços para provar – através de todos os meios – a loucura do monarca, com o intuito de minimizar a comoção e a tristeza da população e, sobretudo, acalmar a ira do povo. Contribuiu para isso o imponente cerimonial fúnebre realizado em Munique, para o sepultamento de Sua Alteza Real. (Figura 23)

Logo após a morte de Luís II, seus três palácios foram abertos à visitação pública. As obras de Neuschwanstein e de Herrenchiemsee foram arrematadas no estágio em que se encontravam (KINBERGER, 1976). No primeiro, ainda seria erguida uma capela, cujo projeto foi abandonado. No segundo, o amplo salão de entrada do lado setentrional, coberto com teto zenital, restou inacabado, como foi citado anteriormente. A cozinha não recebeu os móveis e os acessórios necessários para a funcionalidade do espaço. Hoje, os castelos ascenderam à condição de patrimônio e, atualmente, se incluem entre os monumentos alemães mais visitados pelos turistas. Para visitá-los, os interessados podem se engajar às inúmeras excursões de ônibus, que partem diariamente de Munique em direção de Linderhof e Neuschwanstein. Para visitar Herrenchiemsee, é necessário tomar um trem, que leva a uma cidade balneária, situada à beira do lago de Chiemsee. Ali se faz a travessia, através de barcos turísticos, para a margem oposta da ilha de Hommes. Após uma caminhada de dez minutos, se chega ao local da construção.

A visitação dos edifícios é paga e a organização das visitas é germânica. Após comprar os bilhetes, os inúmeros visitantes formam grandes filas. Os ingressos têm hora marcada. Os grupos formados – de no máximo doze pessoas – têm acesso a cada 10 minutos. Um relógio eletrônico sinaliza o momento de rodar as catracas para a entrada do público. Um condutor acompanha as pessoas até a entrada das construções, nos interiores, novos recepcionistas esperam a cada sala, para dar as informações históricas ou estéticas e responder as interrogações dos curiosos. Nos diferentes e sucessivos cômodos das jornadas, as portas são fechadas após a entrada de cada conjunto de indivíduos. Essa estratégia evita que os discursos dos guias de cada aposento não sejam ouvidos pelos grupos que se encontram nas salas vizinhas. As informações são dadas na língua inglesa. São proibidas as filmagens ou fotografias dos interiores dos prédios. No pavimento térreo do palácio de Herrenchiemsee, foi montado um museu sobre a vida e as obras de Luís II.

CONCLUSÃO

Luís II consumiu verdadeira fortuna para a construção e a decoração dos seus três palácios ecléticos. Nesses empreendimentos construtivos utilizou vultosas somas, que recebia anualmente, como rei da Baviera. Solicitou mais verbas ao seu Ministério, e foi atendido. Realizou empréstimos bancários. Até a sua morte, acumulou uma dívida de, aproximadamente, 15 milhões de marcos. O soberano reuniu em torno de si, uma quantidade de especialistas das áreas da arquitetura e da ornamentação de exteriores e de interiores arquitetônicos, nascidos no país ou selecionados em outras nações: paisagistas, arquitetos, engenheiros, escultores, pintores e artesãos. Importou máquinas modernas, novas técnicas e materiais construtivos, e sistemas mecânicos advindos da produção industrial. Encomendou móveis e diferentes objetos decorativos. Comprou obras de arte e acessórios ornamentais diversos. A demanda contribuiu para o desenvolvimento dos ateliês e das manufaturas bávaras, que produziam artefatos de madeira, de cerâmica e de porcelana, de gesso, de vidro e cristal, ou em diferentes metais e, ainda, em tapeçaria e bordados. As técnicas decorativas proliferaram na região fronteira com a Áustria.

O monarca tornou-se um ícone do século XIX, por sua postura enigmática, pela paixão pelas artes plásticas e pelas obras arquitetônicas que edificou, pelos teatros que produziu e as inúmeras óperas que patrocinou. Durante a vida, assistiu mais de 400 representações, que incluíram espetáculos líricos e peças teatrais, sendo que, 200 delas foram privadas. As últimas possibilitavam que o rei fosse cativado e absorvido pelas atividades cênicas e musicais. Oportunizavam que ele mergulhasse em sua catarse, sem ser perturbado pelo público. Por esses feitos, foi admirado, amado, invejado e odiado durante a sua curta e solitária existência. Juntamente com os artistas que se envolveram nos seus projetos, pesquisou e estudou em fontes bibliográficas da história da arte, da história da arquitetura e das artes aplicadas, em catálogos de motivos decorativos para as ornamentações parietais. Viajou e visitou os edifícios nos quais se inspirou. Por paradoxo, empregou a tecnologia da sua época. Mas, criou monumentos peculiares aos séculos pretéritos que tanto amou. Líricos! Quase surrealistas, para os anos finais dos 1800. Os três palácios que deixou como herança para as gerações pósteras hoje são tombados pela UNESCO e rendem grandes lucros aos cofres da Alemanha unificada.

REFERÊNCIAS

DESING, Julius. **Roi Louis II: sa vie et sa fin**. Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976.

GALLI, Fábio. **Decorações murais: técnicas pictóricas de interiores**. Pelotas/RS (1878-1927). 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

GIRAC-MARINIER, Carine. **Les grandes rois de France**. Paris: Larousse, 2011.

KIENBERGER, Klaus. **Neuschwanstein, Linderhof, Herrenchiemsee: les châteaux et la vie du roi Louis II de Bavière**. Munich: Verlag Kienberger Lechbruck, 1976.

LOYER, François. **Le siècle de l'industrie**. Paris: Skira, 1983.

PINTO, Tales. **Guerra Austro-Prussiana e a Unificação Alemã**. Disponível em: guerras.brasilecola.uol.com.br

RUSSO, Ana Maria Machado. **Mulheres imortais**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

SCHMID, Elmar & KNIRR, Kerstin. **Herrenchiemsee, Musée du couvent des chanoines agustins, Château du roi et Musée du roi Louis II**. Munich: Bayerische Sshösserverwaltung, 2008.

SILVA, Tiago Ferreira. **Unificação da Alemanha**. Disponível em: www.infoescola.com/historia/unificacao-da-alemanha